

Universidade de Évora
Escola de Ciência Sociais
Centro de Investigação em Ciência Política

**Colóquio Internacional – Justiça e Direitos Humanos numa era de transição -
perspetivas cruzadas**
12 e 13 de setembro de 2019

Comunicação

Título: Axel Honneth e a sua proposta de renovação da ideia de socialismo

Axel Honneth é conhecido como o principal representante da "terceira geração" da escola de Frankfurt. Defensor de muitas das lições e idéias das duas primeiras gerações, não deixou de romper com os seus antepassados em diversos sentidos. Movendo-se para além da teoria do raciocínio comunicativo de Jürgen Habermas, Honneth salientou o importante papel que a nossa luta pelo reconhecimento — como manifestada na busca do amor, da estima e do respeito — pode e deve desempenhar na política igualitária. Ele também tentou renovar o modo de crítica e análise social da escola de Frankfurt, escavando uma grande variedade de fontes — Michel Foucault, os pragmáticos americanos George Herbert Mead e John Dewey, o psicanalista britânico de Donald Winnicott — ele acredita que nos ajudam a entender melhor as patologias da vida moderna, entrando em debates com colegas teóricos sociais, como Nancy Fraser sobre se o reconhecimento ou redistribuição deve ser uma chave para a política.

Hegel continua a influenciar grande parte do trabalho de Honneth, com maior ênfase no seu recente livro, *Direito da liberdade. Esboço de uma eticidade democrática* ([2011] 2014). Mas os escritos de Honneth também são assombrados pela questão do que a tradição radical pode significar no mundo de hoje. Alguém pode resgatar o ideal socialista da sua história de decepções e fracassos? A democracia pode tornar-se mais do que um ideal vazio na nossa idade? Deve uma política radical significar um fim em relação a todos os aspectos da sociedade burguesa? Ou existe uma maneira de sintetizar o que é melhor nas tradições socialistas e liberais e talvez refazer o nosso sistema

econômico ao longo das linhas do que alguns agora chamam de "socialismo de mercado"?

Estas não são perguntas novas. Grande parte da história da esquerda no século XX foi marcada por esforços — alguns mais criativos do que outros — para dar um significado e propósito renovados à tradição socialista. Mas, como Honneth reconhece na *idéia do socialismo*, parte do motivo por trás de seu livro é pessoal: Ele procura refutar as críticas recentes de que abandonou o impulso utópico da teoria crítica e se contentou com reformas modestas da ordem atual. Embora ele evite imperativos para a ação concreta e não escreveu um "manifesto socialista" para o nosso tempo, ele quer combater a resignação daqueles à esquerda que, ele acredita, abandonaram toda a esperança de mudança radical. Para esse fim, ele defende uma ideia particular do socialismo — que não precisa estar em conformidade com os contornos da tradição política marxista. Para Honneth, essa visão do socialismo pode ser defendida, não tanto do ponto de vista das experiências de pensamento utópico, mas acima de tudo naquilo que ele vê como as lições práticas da história em si: todos aqueles "traços de progresso social", como ele coloca, "em cuja realização o socialismo desempenhou um papel tão decisivo durante 200 anos. "

Para analisar esses traços, Honneth oferece aos seus leitores uma história idiossincrática da ascensão e queda do socialismo. Após a revolução francesa, a promessa de liberdade foi prejudicada pelo excesso de individualismo desencadeado na sua esteira, os e as socialistas acreditavam que os objetivos revolucionários da fraternidade e da igualdade só podiam ser realizados através da reinvenção da liberdade em termos de cooperação social e reconhecimento mútuo. Esta visão do socialismo tomou forma no contexto da expansão capitalista desenfreada de meados do século XIX, e surgiu como um corpo de idéias e um conjunto de movimentos sociais e partidos políticos que procuraram controlar os excessos competitivos do mercado através da solidariedade e da interação cooperativa. A auto-realização individual, como argumentaram estes e estas socialistas de meados do século XIX, só poderia ocorrer através de esforços comunitários que se estendiam além da fé do liberalismo nos direitos individuais e da defesa republicana da não-dominação dos outros. É essa noção de "liberdade social" — sem dúvida intersubjetiva, mas não disposta a sacrificar o indivíduo no altar de uma coletividade idealizada — que inspira Honneth na sua tentativa de redenção do socialismo. Mas mesmo no seu nascimento, Honneth argumenta, o projeto socialista foi condenado por

várias falhas fatais — que ele chama de "defeitos congênitos" — que assombraram sua história subsequente. Estes resultaram em grande parte da refração dos objetivos emancipatórios da Revolução francesa através das novas realidades socioeconômicas da revolução industrial. Os primeiros socialistas utópicos como Saint-Simon e Fourier, recuando desde a violência revolucionária do século 18, enfatizaram a mudança social e econômica em vez da emancipação política; e nos anos seguintes, Marx, Engels, e os movimentos socialistas que inspiraram também se concentraram no que alguns chamavam de "subestrutura" material da sociedade, em vez da sua "superestrutura" cultural ou institucional. O resultado foi um foco excessivo na mudança econômica à custa da sua contrapartida política. Lamentavelmente, este desequilíbrio muitas vezes levou a uma redução duvidosa da liberdade individual para pouco mais do que uma reflexão ideológica do interesse da classe burguesa. Também resultou numa cegueira em relação às complexidades de um mundo moderno cada vez mais diferenciado e uma fé exagerada no papel que o proletariado poderia desempenhar na inauguração de uma nova sociedade socialista.

Esses pressupostos questionáveis, na visão de Honneth, permitiram que os marxistas acreditassem que a inevitável crise do capitalismo seria um caminho de desenvolvimento claro para seu sucessor redentor. Devido a esta inevitabilidade, muitos e muitas socialistas — mesmo envolvidas na ação parlamentar e revolucionária — demonstraram uma indiferença quase fatal aos esforços que procuraram disciplinar o mercado sem evitar as proteções oferecidas pelos direitos e Constituições liberais. Vislumbrada por uma leitura a priori das tendências históricas, Honneth (2017: 61) conclui: "este pressuposto altamente duvidoso do ponto de vista metodológico levou a doutrina socialista a estar associada, a partir daí, com uma necessidade quase transcendental, à existência de um movimento social sem que houvesse, no entanto, qualquer certeza empírica de que o mesmo existisse na sua forma prevista dentro da realidade social".

Apesar de elogiar a apreciação revisionista de Eduard Bernstein sobre o valor da democracia pluralista, Honneth credita nos fundadores da escola de Frankfurt as primeiras dúvidas empíricas sobre a existência de um proletariado revolucionário que ajuda-se a renovar a tradição socialista. Mas com a fé na classe trabalhadora agora perdida, muitos na Escola de Frankfurt começaram a desenvolver uma teoria socialista que não tinha mais ligações claras com o ativismo no terreno. Como resultado, seu

modo de crítica social dedicou-se mais à indignação moral do que às políticas concretas, uma fraqueza do "socialismo utópico" que Marx condenou - e, poder-se-ia argumentar, que continuou a definir tradições socialistas concorrentes como o fabianismo britânico.

Uma vez que esses grandes pilares do socialismo do século XIX desmoronaram no início do século XX, pode-se perguntar se a idéia de socialismo ainda motiva as nossas ações, ou devemos trabalhar através de uma "melancolia de esquerda" e reconhecê-la como um objeto amado cuja perda devemos lamentar e, finalmente, deixar para trás? Honneth está comprometida com a posição anterior, mas ele insiste que os e as socialistas precisam (entre outras coisas) ir além da representação totalística de Marx do capitalismo e abandonar sua crença de que inevitavelmente será derrubado por uma classe revolucionária de trabalhadores. Eles também devem reconhecer, afirma Honneth, que qualquer sociedade socialista que emerge no despertar do capitalismo ainda vai precisar dos mecanismos de mercado e das práticas políticas que foram desenvolvidas na era liberal burguesa.

Baseando-se em Dewey, entre outros, Honneth defende essa visão alternativa do socialismo, insistindo que devemos entender a idéia como um processo contínuo de experiências sociais e políticas, nas quais "novos grupos procuram constantemente chamar a atenção do público às suas próprias demandas, tentando derrubar barreiras à comunicação e, assim, ampliar o espaço da liberdade social". Existe uma rica tradição de política igualitária para além dos partidos Marxistas e Leninistas, que pode inspirar as esquerdas, onde um aspecto fundamental destas experiências, para Honneth, é a sua natureza inerentemente democrática. Embora diferentes grupos oprimidos possam expor suas queixas e impulsionar suas reivindicações, essas experiências socialistas devem ser dirigidas aos cidadãos e cidadãs em geral.

Por causa das diferenças irrevogáveis na cultura, na língua e nos valores encontrados na vida moderna, Honneth sustenta que esses cidadãos e cidadãs nunca terão uma idéia clara de como deve ser uma sociedade socialista; ao contrário, será o produto da deliberação e compromisso democráticos e, portanto, exigirá promover o que ele chama de "liberdade social" não apenas na esfera econômica, mas também nas relações pessoais e na ação política. Ao contrário de Marx e muitos dos seus seguidores, Honneth recusa-se a diminuir as diferenças entre as várias esferas — econômica, política, civil — que compõem a vida social contemporânea, e é aqui que Hegel se torna

relevante. Enquanto Marx e marxistas defendiam a reconciliação da política e da economia, Hegel argumentava que, mantendo as diferentes esferas da interação social separadas, podia-se criar uma sociedade orgânica e mais harmoniosa.

A divisão do trabalho justificada pela complexidade das sociedades avançadas não poderia ser superada restaurando-as a algum tipo de suposta totalidade pré-industrial. O socialismo, como Honneth o imagina, teria que aceitar as diferentes esferas que compõem a sociedade moderna. Em vez de tentar corroer-los, seria necessário colocá-los numa "ordem racionalmente integrada, harmoniosamente organizada", onde o mecanismo de direção é a "esfera pública", em que todos os cidadãos e cidadãs desempenharão um papel igual. Tendo em conta a interdependência global, este socialismo do futuro também precisaria operar numa escala global e local, e teria que abandonar não apenas a noção de um sujeito revolucionário, mas também a da revolução em si como uma ruptura total com a ordem atual. Em outras palavras, teria que abandonar as noções mais antigas da utopia como uma forma de vida aperfeiçoada e entender o socialismo como uma tarefa interminável, envolvendo experimentos constantes em novos arranjos sociais.

Honneth abre *a idéia do socialismo* com uma pergunta: "porque é que as visões do socialismo já não têm o poder de convencer os indignados de que os esforços coletivos podem, de fato, melhorar o que parece 'inevitável'?" E embora ele nos diga por que essas visões, imperfeitas nas formas que ele descreve, se desvaneceram no passado, ainda resta saber por que essas visões não desapareceram ainda. Certamente, há ressurgimentos esporádicos de entusiasmo socialista - exemplificados pela campanha de Sanders nos Estados Unidos e pela ascensão de Jeremy Corbyn no Partido Trabalhista Britânico -, mas raramente se traduzem em mudanças programáticas por políticos simpáticos capazes de obter poder real. Com demasiada frequência, o ideal de "socialismo democrático" torna-se contraditório quando posto à prova, uma vez que a construção de uma aliança popular viável dilui os objetivos socialistas, enquanto o foco estrito nos programas socialistas geralmente significa sacrificar o apoio de uma ampla seção transversal da população, como se pode ver no desdobramento do debate na Venezuela.

Não há, infelizmente, muito no novo livro de Honneth para inspirar a confiança de que a idéia do socialismo pode facilmente ser transformada num programa político e

económico prático. Uma razão óbvia é que a ressaca da falha cataclísmica do "socialismo realmente existente" no bloco soviético anterior não foi totalmente eliminada. Afinal, já faz um século que se iniciou a primeira grande tentativa histórica de revogar e substituir o capitalismo, e ainda temos muito poucos exemplos de socialismo na prática que tiveram sucesso. Experimentos subsequentes nos anos pós-guerra fria, como os de Hugo Chávez, levantaram esperanças para alguns, mas o resultado não foi encorajador. Os países socialistas sobreviventes como China, Vietnam, Laos, Cuba e Coreia do Norte estão-se movendo mais em direção ao capitalismo de estado - ironicamente dirigido por um partido de vanguarda leninista - do que qualquer coisa que possa ser considerada plausível para servir à causa do tipo de liberdade social que Honneth exalta.

Também não é claro que exista muito entusiasmo pelas micro-experiências mais realistas que Honneth espera que renunciem essas alternativas viáveis. "Sem experimentos!" serviu como slogan eleitoral bem sucedido da União Democrática Cristã da Alemanha nas eleições de 1957, e há muitos em todos os lados do espectro político que passaram a compartilhar o sentimento. De facto, se nós sinceramente reconhecermos a audácia experimental da agenda de Trump, é bem possível que os progressistas e esquerdistas americanos serão forçados a abraçar, pelo menos por enquanto, a sabedoria de se mover lentamente e preservar o que já foi adquirido no nosso sistema decididamente não utópico.

Há, naturalmente, um descontentamento considerável e justificado com esse sistema. Mas tal descontentamento agora manifesta-se mais no idioma volátil do populismo do que em qualquer coisa que se assemelhe à idéia inclusiva de Honneth de socialismo democrático. O populismo é notoriamente difícil de definir, mas uma das suas características permanentes é a divisão do mundo em amigos e inimigos, vítimas e agressores, as pessoas e as elites. Embora muitas vezes protestando contra injúrias reais e identificando vilões reais, ele pode muito rapidamente degenerar em projeção, ressentimento e bode expiatório, abrindo seus aderentes a esses apelos demagógicos aos instintos mais básicos que muitas vezes estimulam a ação política e social.

É claramente doloroso para as muitas pessoas que há muito sonham com uma alternativa socialista ao capitalismo moderno reconhecer a probabilidade cada vez menor de realizar suas esperanças. Mas argumentar que pode finalmente ser a hora de

fazê-lo não significa imitar momentos anteriores de desilusão esquerdista, pois a ideia de socialismo, Honneth nos lembra, levou a muitas realizações das quais seus devotos podem se orgulhar. Isso significa, no entanto, que pelo menos por enquanto, pode ser mais prudente defender o que está cada vez mais ameaçado.

Mover-se para além das antigas devoções esquerdistas pode não ser suficiente, mas salvar o adjetivo no "socialismo democrático" parece mais exigente no momento do que o esforço para perceber o substantivo. A energia gasta tentando desembaraçar uma versão idealizada e não realizada do socialismo, que ainda pode inspirar confiança em todas as alternativas distorcidas, ineficazes e muitas vezes contraproducentes que desarrumam sua história, pode, portanto, ser melhor empregada em outras tarefas urgentes. Sonhar com os sonhos utópicos que prolongam nosso sono dogmático pode não fornecer a munição mais eficaz contra a ameaça de distopia que se aproxima de nós.

Referências Bibliográficas:

Honneth, Axel ([2011] 2014), *El derecho de la libertad. Esbozo de una eticidad democrática*. Tradução de Graciela Calderón. Buenos Aires, Katz Editores.

Jay, Martin. (2017). Positive Freedom. Axel Honneth's new book seeks to give renewed meaning and power to the socialist ideal. *The Nation*, July 17-24. Disponível em: <https://www.thenation.com/article/socialisms-past-and-future/>